

# PENSANDO A FORMAÇÃO EM ARTES LIBERAIS COM POMBOS NO CAIRO

Karim-Yassin Goessinger<sup>1</sup>

Tradução Billy Blanco Jr

## Resumo

Proponho nesse artigo pensar sobre a prática pedagógica, em especial a formação em artes liberais, com pombos. A meta é apresentar a metáfora de um pombal como um ambiente de aprendizagem desejável para o ensino superior. A metáfora surgiu a partir de uma reflexão no CILAS (*Cairo Institute of Liberal Arts and Sciences*), uma micro faculdade de cursos de artes liberais que convoca alunos adultos a se engajarem com *artes liberais pela base*. O CILAS se tornou notável nos seus seis anos existência por três qualidades que estão refletidas nos pombos: pombos relembram, se auto reconhecem e fazem 'alteração de relógio' (*clock-shifting*). Dessa forma, eles mantêm posicionamento, auto-reflexão e flexibilidade estrutural, ingredientes que me parecem promover uma formação em artes liberais baseada em localização, que é também inter-epistêmica e decolonial, como manifestada na localização do CILAS, em sua metodologia e em seu currículo.

## Palavras-chave:

Artes liberais pela base; Cairo; pombal; intervenção infra-estrutural.

---

<sup>1</sup> Fundador do CILAS (Cairo Institute of Liberal Arts and Sciences), educador e ativista acadêmico, baseado entre o Cairo e Alexandria, no Egito.

## PENSANDO A FORMAÇÃO EM ARTES LIBERAIS COM POMBOS NO CAIRO

*Karim-Yassin Goessinger<sup>2</sup>*

Tradução Billy Blanco Jr

### *Introdução*

Existe um histórico entre a observação de pombos e a pedagogia. Inicialmente, comecei a reparar os pombos e sua relação com a tarefa da pedagogia no ensino superior ao buscar por um título para o boletim informativo do CILAS, inaugurado no verão de 2013, e constituído com a intenção de convocar estudantes adultos a se engajarem na tradição da formação em artes liberais. A visão era co-criar um ambiente que fosse propício à indagação crítica, à auto-reflexão e ao engajamento cívico. A primeira turma foi inscrita em um programa de estudos informalmente estruturado, com duração de um ano. Esse programa foi dividido em trimestres: o primeiro servia como base que expunha os alunos a várias histórias e filosofias sobre artes e ciências, alguns dos *ismos* mais proeminentes da era moderna, assim como os debates que os circundavam. O segundo e terceiro trimestres foram dedicados a ‘questões de interesse’ para os alunos, que podiam ser estudadas mais a fundo sob a orientação de colegas. Estudantes se envolviam em serviços comunitários paralelos à sua formação intelectual.

Nos últimos cinco anos, estudantes têm se inscrito no CILAS vindos de todos setores da vida, históricos disciplinares, com ambições que vão desde a mudança de carreira ao desenvolvimento de uma sábia valorização da complexidade do mundo. Muitos, se não todos, os estudantes que chegaram ao CILAS achavam que a universidade havia sido, se não uma experiência fútil, certamente pouco memorável. O CILAS convidou estudantes para participar em discussões – tanto intuitivas quanto fundamentadas teoricamente. Salas de aulas, que no início eram duas, em nada se pareciam com salas de aula

---

<sup>2</sup> Fundador do CILAS (Cairo Institute of Liberal Arts and Sciences), educador e ativista acadêmico, baseado entre o Cairo e Alexandria, no Egito.

convencionais. Dando seus primeiros passos nas vielas secundárias de al-Ghuria, na vizinhança islâmica do Cairo, o CILAS ocupou um espaço que anteriormente serviu de residência acadêmica. O espaço apresentava qualidades tanto acadêmicas quanto residenciais. Tratava-se de uma localização incomum, no segundo pavimento ao final de uma viela estreita. Todos em al-Ghuria passaram a saber do CILAS: desde donos de lojas a empurradores de carrinhos de mão transportando mercadorias vindas da rua al-Azhar para as veias profundas de al-Ghuria, aos ciclistas carregando pilhas de pães na cabeça. Foi na turbulência de al-Ghuria que a metáfora do pombal surgiu. Desde então, um pombal passou a servir de metáfora-guia apontando para uma formação desejável em artes liberais, como exemplificada pelo CILAS. Neste artigo, penso com pombos sobre a prática pedagógica e a formação em artes liberais.

### *Pensando com pombos*

Para o teórico evolucionista Charles Darwin, pombos eram interlocutores na força da seleção natural. Darwin dedicou o primeiro capítulo da *Origem das Espécies*, publicado em 1854, à genealogia do pombo. Nesse estudo de várias raças de pombos domésticos, Darwin descobriu que todos os pombos compartilham de cores e estruturas corporais similares. Após cruzar vários tipos de pombos, ele descobriu que os híbridos resultantes eram ‘perfeitamente férteis’, o que para ele indicava que descendiam de uma única espécie parental. Essa descoberta sugeria que todos os tipos de pombos devem encontrar sua descendência em um pombo originário. Darwin concluiu que a maioria dos tipos de espécies podem, de fato, ter descendido de um progenitor, ao invés de múltiplas espécies de progenitores, como antes acreditavam os criadores de pombos. A observação meticulosa dos pombos feita por Darwin e a discussão sobre seleção no primeiro capítulo de *A Origem das Espécies*, preparou o terreno para o cerne de sua teoria evolucionista: sua argumentação pela seleção natural.

Para o psicólogo comportamental Burrhus Frederic Skinner, pombos eram casos de testes psicológicos. Skinner escreve – cem anos após a publicação de *A Origem das Espécies* – em *A Ciência do Aprendizado e a Arte de Ensinar*,

uma vez que tenhamos organizado o tipo específico de consequência chamado de reforço, nossas técnicas nos permitem moldar o comportamento de um organismo quase que arbitrariamente. Se tornou um exercício de rotina demonstrar isso (...) ao condicionar um organismo tal como o pombo.<sup>3</sup>

Aprendizagem, segundo Skinner, tem a ver com comportamento, com o reforço *daqueles* comportamentos – conhecimento, respostas – que educadores julgam ‘corretos’. Quando educadores falham em moldar, reforçar e controlar o comportamento de estudantes através dessas técnicas e tecnologias, correm o risco, nas palavras de Skinner, de ‘perder nosso pombo’.

Para a feminista pós-moderna Donna Haraway, (ela escreve sessenta anos após a publicação de *A Ciência do Aprendizado e a Arte de Ensinar*), pombos “são competentes agentes que tornam uns aos outros, assim como os humanos, capazes de práticas sociais, ecológicas, comportamentais e cognitivas estabelecidas”<sup>4</sup>. Haraway nos lembra, sob o título de *Staying with the Trouble* (Ficando com o Problema), da ambivalência dos pombos. Ela os descreve como parentes e pragas desprezíveis, sujeitos ao resgate e ao insulto, possuidores de direitos e componentes da máquina animal, alimento e vizinho, alvos de extermínio e de reprodução biotecnológica e multiplicação, companheiros e hospedeiros de doenças, sujeitos combatidos e objetos do ‘progresso moderno’ e ‘tradição retrógrada’. Em qualquer lugar que tenham ido”, ela escreve,

esses pombos cosmopolitas ocupam cidades com gosto, onde incitam nos humanos amor e ódio em medidas extravagantes. Chamados ‘ratos com asas’, pombos selvagens estão sujeitos ao vitupério e ao extermínio, mas também se tornam queridos companheiros oportunistas que são alimentados e assistidos avidamente em todo o mundo.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Skinner, B.F. (1981) *Self-awareness in the pigeon*. Science, 212, pp. 695-696.

<sup>4</sup> Haraway, D. (2016) *Staying with the Trouble: Chapter 1*. Duke University Press.

<sup>5</sup> *ibid.*

O propósito desse artigo é sugerir que a figura do pombo, o conjunto do bando de pombos e o pombal como infraestrutura, podem nos ajudar a re/con/figurar e reagrupar a prática pedagógica. Mais especificamente, proponho que um pombal oferece a metáfora ideal àquela da torre de marfim. Um pombal metafórico aponta para um ambiente de aprendizado que conduz à quebra de ligações, ou seja, à investigação da retórica da modernidade, analisando a lógica da colonialidade e interrogando a gramática da decolonialidade.<sup>6</sup> O chamado *trivium* da retórica, lógica e gramática é o que constituiu as artes liberais como tradição em um primeiro momento. Credo com convicção no *espírito* das artes liberais, defenderei, através da metáfora do pombal, a *formação em artes liberais pela base*, ou seja, uma formação em artes liberais que, baseada na localidade, é inter-epistêmica e decolonial. Espero que a metáfora do pombal possa nos convidar a reimaginar o ensino superior em geral e, em particular, a formação em artes liberais.

#### *Pombais como intervenções infraestruturais*

*“O pombal municipal certamente não pode desfazer tratados desiguais, conquistas e a destruição de pantanais; todavia, é um possível fio num desenho para um contínuo, não-inocente, interrogativo (..) progresso conjunto.”- Donna Haraway (2016)*

Enquanto a noção de “pensar com pombos” invoca a possibilidade de um aprendizado de e com os pombos, uso o pombal *metaforicamente* como linguagem sensorial ‘fina’ numa tentativa de apontar para um ensino superior ideal ao invés de usar uma linguagem ‘espessa’ que busca manter a realidade aprisionada<sup>7</sup>. A metáfora da torre de marfim há tempos domina o imaginário do ensino superior. Ela expressa para muitos a desilusão com o estado do ensino universitário, um sentimento de afastamento do dia-a-dia para alguns e isolamento geográfico para outros. Caracterizada pela compartimentação e padronização, a universidade moderna/colonial começou a promover, para além

---

<sup>6</sup> Mignolo, W. (2007) 'DELINKING'. *Cultural Studies*, 21:2, pp. 449 – 514.

<sup>7</sup> *Decolonial Futures Collective* (2016). *Pedagogy of attunement*. Retrieved on February 26th from <https://decolonialfutures.net/project-type/pedagogical-experiments/>

da sala de aula, colaborações através de disciplinas e críticas pedagógicas. Enquanto alguns desses esforços para realizar pesquisas interdisciplinares e engajar a comunidade é algo louvável, as deficiências estruturais do ensino superior permanecem intactas. É na co-criação de ou intervenção infraestrutural através de pombais que vislumbro a possibilidade de um movimento para além da reforma estrutural no ensino superior.

Antes de tratar da intervenção infraestrutural, torna-se crucial lembrar tentativas de reforma estrutural no ensino superior. Há duas maneiras pelas quais reformas estruturais estão sendo promovidas. Uma abordagem suave tem o enfoque na inclusão, mobilizada através da transformação pessoal ou institucional<sup>8</sup>. Essa abordagem se apoia em “uma crítica que detecta um acesso desigual ao ensino superior como resultado da falha de pessoas ou instituições em identificar e integrar diferentes necessidades e perspectivas individuais dentro de um quadro natural e normalizado”<sup>9</sup>. Esse próprio quadro se mantém invisível e intocável pela crítica. Qualquer esforço para desestabilizar esse quadro moderno é imediatamente descartado como violento, contraproducente e não cívico. A reforma estrutural suave insiste e mobiliza o diálogo, consenso e o espírito empreendedor, o tempo todo chancelando o neoliberalismo.

Seguindo a classificação Andreotti et al., a reforma ‘suave’ pode ser diferenciada de uma reforma estrutural radical. Esta última reconhece e analisa a predominância epistemológica manifestada em uma dinâmica histórica, discursiva e afetiva, que afirma e reproduz práticas hegemônicas e etnocêntricas. Os esforços para uma reforma estrutural radical devem reconhecer as relações desiguais entre produção de conhecimento e como essas relações promovem uma distribuição de recursos, trabalho e valor simbólico altamente distorcidos. Defensores da reforma estrutural radical realçam a *violência* interconectada da modernidade, quando estas se materializam nas formas de capitalismo, racismo, colonialismo, patriarcado e estado-nação, entre outros. Ao mesmo tempo, esses defensores adotam uma

---

<sup>8</sup> Andreotti, V. et al. (2015) *Mapping interpretations of decolonization in higher education*. *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*, 4:1, pp. 21-40.

<sup>9</sup> *ibid.*

firme postura normativa que busca 'consertar' os próprios mecanismos que produzem desigualdades, através de estratégias de empoderamento, 'dando voz', reconhecimento, representação, redistribuição, reconciliação, recentralizando sujeitos marginais e/ou através da transformação das fronteiras do sistema dominante.

Em sua classificação, Andreotti et al. identificam outro âmbito de possibilidades que se encontra além das reformas estruturais suave e radical. Esforços para além da reforma veem instituições modernas, incluindo instituições de ensino superior em sua forma atual, como inerentemente violentas, exploradoras e insustentáveis. As mil formas de opressão da modernidade são vistas como interligadas. Defensores da *além-da-reforma-estrutural* concordam com a urgente necessidade de se abordar questões de acesso, voz, reconhecimento, representação e redistribuição. No entanto, eles não consideram essas respostas suficientes. Uma abordagem para além da reforma estrutural reconhece que o neoliberalismo não se trata de um fenômeno novo, mas sim de um desdobramento lógico de algo inerente às condições históricas de Império que subsidiou e criou a possibilidade para a universidade como se conhece hoje<sup>10</sup>. Alguns respondem a isso saindo completamente da universidade, dedicando-se à construção de alternativas; outros conquistam espaços de criatividade e divergência dentro da universidade enquanto ali habitam e navegam estrategicamente. Me interessa aqui pela primeira resposta, ou seja, a construção de alternativas, ou uma intervenção infraestrutural.

A neoliberalização do ensino superior resultou no isolamento das universidades. Cada vez mais, universidades são fundadas em terreno patrocinado pelo estado, na periferia de áreas metropolitanas. Conectada a bairros residenciais através de ônibus fretados e protegida por companhias de segurança, a universidade neoliberal assemelha-se, mais do que tudo, a um bastião. A torre de marfim metafórica hoje é murada e construída com vidros blindados. Mais e mais universidades se portam como enclaves que ativamente evitam os problemas e conflitos diários, mais notadamente em cidades pós-coloniais como o Cairo, Deli

---

<sup>10</sup> Roy, A. (2006). *Praxis in the time of empire*. *Planning Theory*, 5:1, pp. 7-29.

ou Accra. Um pombal, ao contrário, é integrado à malha urbana. Dessa forma, se torna um possível fio no padrão de um convívio permanente, não-inocente e interrogativo, como sugere Haraway. Situado nas proximidades das ‘rachaduras’ da cidade, um pombal encara dilapidação e precariedade, é testemunha das piedades e fatos não-ortodoxos do dia-a-dia: as práticas de comércio e malandragens, a celebração de nascimentos, o lamento pelas mortes, as crianças brincando, passantes pensativos e pombos indo e vindo.

Em outras palavras, a metáfora do pombal nos traz para mais perto de “oportunidades, bricolagem cultural, fluidez geográfica e colaboração adaptável”<sup>11</sup>. AbdouMalik Simone defende em seu artigo *People as Infrastructure* (Pessoas como Infraestrutura) uma maneira de se olhar para infraestrutura – em riqueza e variedade, ao invés de homogeneidade – como “um ingrediente para a expansão de espaços de operação econômica e cultural”, que por sua vez permite que “regimes alternativos de propriedade e contrato coexistam experimentalmente dentro da mesma economia”<sup>12</sup>. Esse olhar defendido por Simone torna-se crucial quando vislumbramos o ensino superior como espaço, ou seja, em termos de infraestrutura. Tal perspectiva convida histórias de “metabolismos interligados e articulações de economias e ecologias, histórias de humanos e não-humanos”<sup>13</sup> para o domínio do ensino superior. Leva em consideração contingência e materialização para justificar tanto fluidez geográfica e hostilidade quanto fragilidade infraestrutural. Um pombal metafórico facilita uma mudança de perspectiva na direção de um ensino superior integrado e baseado na localização.

Outro elemento relacionado com o pombal refere-se à sua materialidade. Ao tirar inspiração dos pombais, nota-se, por toda África setentrional e Ocidente Asiático, que o pombal metafórico apresenta duas formas de arquitetura. A primeira se relaciona à construção vernacular<sup>14</sup> de um pombal. Tradicionalmente, um pombal é construído de material do solo, isto é, argila. Sua construção não

---

<sup>11</sup> Simone, A. (2004) *People as Infrastructure: Intersecting Fragments in Johannesburg*. Public Culture, 16:3, pp. 407-429.

<sup>12</sup> *ibid.*

<sup>13</sup> Haraway, D. (2016) *Staying with the Trouble*: Chapter 1. Duke University Press.

<sup>14</sup> Fathy, H. (1986). *Natural Energy and Vernacular Architecture*. University of Chicago Press.

depende de matéria-prima processada em fábricas e transportada pelos mares. Desde o século XIV, viajantes anotaram a visualização de pombais em seus caminhos. A referência de Ibn Battuta aos pombais em Isfahan, em 1340, é tida como um dos primeiros registros. Naquela época, ele contou por volta de 3000 pombais, alguns dos quais bem elaborados. Ele observou que todos possuíam a mesma estrutura básica de torre arredondada com torreão para pombos voarem para fora e para dentro, sem janelas e com apenas uma porta que era aberta uma vez ao ano para coleta de estrume. O estrume era usado como fertilizante para os melões que Ibn Battuta cita mais adiante nesse relato, e pelos quais a cidade de Isfahan é conhecida.

A observação de Ibn Battuta nos recorda da preponderância de pombais por toda Ásia Ocidental e África Setentrional. Ele escreve em seu relato de viagem em 1347, “viajamos por todo esse dia entre pomares e riachos e belos vilarejos com muitos pombais.” Ele segue em sua narrativa apontando para a importância dos pombais para a agricultura na coleta de guano, ou excrementos acumulados, dos pombos. Para nosso propósito de pensar com pombos, é importante notar não apenas a materialidade de um pombal, mas também sua integridade estrutural, especialmente sua altura. Um pombal metafórico flutua no ar entre a estatura da torre de marfim e as ruas, ou o solo. Dessa forma, ocupa o *mezanino*, dando aos pombos, ou estudantes temas de nossa história, a tranquilidade proporcionada por um elevado pedaço de infraestrutura, como permite um pombal, enquanto se mantém sintonizado com seu entorno. Em outras palavras, um pombal permite tanto a desaceleração exigida por fermentos profundos e o exercício incorporado que nutre a inteligência, como a elaboração de conexões associadas com a esperteza urbana ou adaptabilidade à área.

Como morada e local de agrupamento, um pombal oferece alimento e abrigo. Para nosso propósito de desdobrar a possibilidade de um pombal como ambiente de aprendizado, torna-se importante contarmos a anedota que caminha com a metáfora até o final. O pombal metafórico proporciona alimento para reflexão (*food for thought*) e uma metodologia de aprendizagem. Assim como a refeição tem melhor sabor quando é compartilhada, o alimento para o pensamento é melhor mastigado em conjunto. Frequentemente, esse alimento

para reflexão não é de fácil digestão, mas, uma vez digerido, produz um adubo excepcional. A anedota, então, segue contando que pombos, ou estudantes, estendem suas asas, às vezes por conta própria, outras vezes formando um bando, para saírem em volta compartilhando seus ‘resíduos compostáveis’ e, com isso, as bênçãos de seu aprendizado. A parte a seguir deste artigo é dedicada a três qualidades de pombos que passarei a usar na defesa de um *ensino de artes liberais pela base*.

### *Pensando o ensino de artes liberais com pombos*

*“Parece que nossos pombos fazem um ótimo trabalho exibindo um tipo de amor ágape uns para com os outros. Nossos pombos na verdade estão a fazer o trabalho do amor verdadeiro.” - Tanya Berokoff.*

Diz-se que o treinamento de pombos, quer para o serviço militar ou para outros fins, tem uma longa história. Investigações de como trabalhos de ensino e aprendizado para pombos têm sido uma importante área de enfoque para o campo da psicologia desenvolvido no século XX. Torna-se impossível mencionar psicologia da educação sem falar sobre pombos e, por sua vez, abordar tecnologia da educação, ou prática pedagógica, sem se lembrar dos pombos. Meu interesse é tríplice ao desenvolver esta pedagogia crítica inspirada nos pombos. Primeiramente, extraio inspiração da habilidade dos pombos em relembrar através de seus sentidos de localização e direcionamento. Em segundo lugar, faço referência ao agudo autoconhecimento dos pombos e num terceiro plano, a dinâmica de poder dos bandos de pombos. Apresento descobertas científicas recentes para essas características nos pombos e olho para elas em relação a um *ensino de artes liberais pela base*.

Pombos lançados em lugares desconhecidos acham seus caminhos de volta para seus lares – seus pombais – mesmo a uma distância de milhares de quilômetros, mesmo em dias nublados. Eles fazem uso de seu sentido de mapeamento e bússola que tanto encanta os entusiastas de pombos que os colocam em competições esportivas, cientistas que os estudam por sua neurobiologia comportamental de orientação e navegação, espiões que enviam

mensagens por sobre território inimigo, e escritores de romances de mistério quando contam com um bom pombo para levar segredos. Haraway nota que “talvez o melhor local para entusiastas de corridas de pombos seja os telhados do Cairo”<sup>15</sup> e enquanto os pombos são frequentemente vistos como sujos e uma praga urbana, eles também são os mais recentes em uma longa lista de animais a serem descobertos como portadores de memórias superiores. Apesar de terem um cérebro não maior do que a ponta de um dedo indicador, pombos possuem uma impressionante memória visual. Em 2016 ficou provado que eles podem ser tão precisos quanto os humanos ao detectar um câncer de mama em imagens.<sup>16</sup>

Mesmo havendo inúmeros estudos demonstrando a habilidade dos pombos para relembrar lugares, faces e imagens, basta ao nosso propósito observar seus sentidos de mapeamento e orientação. O que a impressionante memória visual dos pombos destaca é a importância de uma profunda investigação e apreço por local, deslocamento, orientação e desorientação. Em outras palavras, a habilidade dos pombos em relembrar vividamente torna-se um convite para pensarmos com eles sobre a formação em artes liberais de uma forma que seja sensível ao posicionamento. Locais são, como nos lembra Haraway, articulações de “economias e ecologias, de histórias de humanos e não humanos”. Locais de aprendizagem talvez sejam os mais devedores a essa compreensão. A lealdade dos pombos e familiaridade com lugares preservam essa verdade fundamental; um *ensino de artes liberais pela base* pode contribuir para recuperar isso. Pode ajudar a elevar a sensibilidade para detectar tanto o cancerígeno quanto o compostável.

---

Não há muitos tipos de animais que tenham convencido a humanos céticos que eles se reconhecem num espelho – um talento revelado a cientistas por ações como selecionar manchas de tinta ou outras marcas em um corpo que são visíveis apenas num espelho. Pombos compartilham dessa capacidade com crianças acima de dois anos de idade, chimpanzés, golfinhos e elefantes.

---

<sup>15</sup> Haraway, D. (2016) *Staying with the Trouble*: Chapter 1. Duke University Press.

<sup>16</sup> Crouch, L. (2016) *The pigeon will see you now*. BBC News. Retrieved on February 26th from <https://www.bbc.com/news/health-35542678>.

Pombos passaram por seus primeiros pequenos testes nos laboratórios de B. F. Skinner em 1981. Em 2008, a *Science News* reportou que pesquisadores da Universidade de Keiko revelaram que, mesmo com atrasos de cinco a sete segundos, pombos alcançaram melhores resultados em testes de auto-reconhecimento, tanto com espelhos quanto com imagens em vídeo, do que crianças de três anos de idade. Pombos também identificam muito bem diferentes pessoas em fotografias, e no laboratório de Neurociência Cognitiva Comparativa do Professor Shigeru Watanabe na Universidade de Keiko, pombos viam a diferença entre pinturas de Monet e Picasso e inclusive generalizavam discriminando pinturas desconhecidas de vários artistas de diferentes estilos e escolas.

Quero propor uma leitura da capacidade dos pombos de se auto-reconhecerem em relação à crítica pedagógica e o projeto de um *ensino de artes liberais pela base*. A capacidade do pombo para se auto-reconhecer pode ser traduzida em termos de auto-reflexão, auto-reconhecimento, e sua relação com desconexão<sup>17</sup> como um pré-requisito para uma emergente comunicação inter-epistêmica. A capacidade dos pombos para o auto-reconhecimento se dá no sentido de fazer uma sutil e generosa distinção entre estilos, escolas e tradições. É essa distinção, ou ato de desligamento, que se encontra em primeiro plano na comunicação inter-epistêmica. Nas palavras de Walter Mignolo, “desligamento (*de-linking*) então será compreendido como uma mudança epistêmica decolonial que leva a outra universalidade, ou seja, a uma pluri-versatilidade como projeto universal”<sup>18</sup>. Um *ensino de artes liberais pela base* está em sintonia com essa mudança, essa dinâmica, suas complexidades e inconsistências.

---

Provavelmente a mais criteriosa descoberta para um gesto que aponta para uma forma de ensino superior inspirada nos pombos está relacionada à formação ou coreografia dos bandos de pombos. De acordo com resultados de pesquisas feitas pelo Grupo de Navegação do Departamento de Zoologia da Universidade de Oxford, líderes de bandos de pombos que tentam passar a seus

---

<sup>17</sup> Quijano, A. (1992) *Colonialidad y modernidad/razionalidad*. Quito: Tercer Mundo-Libri Mundi.

<sup>18</sup> Mignolo, W. (2007) 'DELINKING'. *Cultural Studies*, 21:2, pp. 449 – 514.

companheiros informações incorretas sobre sua rota de viagem, podem ser rejeitados pela sabedoria coletiva do grupo<sup>19</sup>. O trabalho de modelização tem previsto que os erros de um líder mal informado se propagará hierarquicamente de cima para baixo em um sistema de tomada de decisão como o de um bando de pombos. Usando o método chamado de ‘alteração de relógio’ (*clock-shifting*) que interfere no senso de direção dos pombos, pesquisadores têm provado que a má liderança pode ser superada, colocando o bando de volta em sua rota correta. Dados de GPS sobre a posição de bandos mostraram que líderes mal informados tinham a tendência de perder seus lugares no topo da hierarquia, passando menos tempo à frente do bando e menos tempo sendo seguidos por outros em seu movimento.

É a sabedoria coletiva ativada pelo método de ‘alteração de relógio’ que considero ser o cerne para minha virada e decisão de pensar com pombos a respeito da prática pedagógica. Paul Goodman, em seu ensaio de 1969, *A Deseducação Obrigatória e a Comunidade de Intelectuais (Compulsory Mis-Education and the Community of Scholars)*, é favorável à importância do que ele chama de comunidade de acadêmicos. Ele aconselha, “ao invés de gastar energia primária para fazer com que a universidade se torne uma comunidade de intelectuais, crie a sua própria – assim o fazendo, poderá influenciar a instituição e também fazer uma diferença prática.”<sup>20</sup> Pombos demonstram flexibilidade em sua tomada de decisão coletiva. Eles o fazem diante de situações em que a performance de todo o bando sofreria se se mostrassem inflexíveis. Essa flexibilidade no trabalho coletivo é, na minha experiência, a parte mais desafiadora para comunidades educacionais emergentes em todo o mundo. Erguer uma comunidade demanda disposição para carregar o peso compartilhado de tomada de decisões atentando para a limitação de cada um, ou seja, seus pontos fortes e suas fraquezas na contribuição para um projeto colaborativo. Ao mesmo tempo, requer a comunicação de suas questões e necessidades ao seguirem unidos à frente. A prática pedagógica tem um papel

---

<sup>19</sup> University of Oxford (2016) *Pigeon flock leaders can ‘overrule’ incompetent leaders*. Retrieved on February 26th from <http://www.ox.ac.uk/news/2016-09-14-pigeon-flock-members-can-%E2%80%98overrule%E2%80%99-incompetent-leaders-research-shows>.

<sup>20</sup> Goodman, P. (1964). *Compulsory Miseducation and the Community of Scholars*. Horizon Press.

a cumprir nisso. Tal prática requer ficar com o problema, como diz Haraway. Ela fala de pombos como espécies companheiras o que permite que ela recuse o excepcionalismo humano sem invocar o pós-humanismo. Enquanto Haraway está interessada em reter o problema em sérios mundos de multi-espécies, reconheço a conexão com outra espécie, a dos pombos, metaforicamente. O nome do jogo do ensino superior é, portanto, ‘se-tornar-um-com’, e não se converter num; se tornar um com é como parceiros, ou seja, estudantes, nos termos de Vinciane Despret, se tornam capazes, sempre lembrando que “Naturezas, culturas, sujeitos e objetos não preexistem a suas tramas mundanas”<sup>21</sup>.

### *CILAS – Um pombal realizado*

O CILAS é uma micro-faculdade que busca preservar e facilitar o acesso à formação em artes liberais. Inspirado na tradição francesa de *classes prépas* ou simplesmente *prépas*, assim como os Alemães com o *Studienkolleg*, o CILAS foi concebido como um ‘currículo ponte’ que surgiu como uma resposta ao alerta de John Dewey para “deixarmos de conceber a educação como mera preparação para a vida futura, fazendo dela o sentido completo para a vida presente. E acrescenta que, apenas nesse caso, ela se tornar verdadeiramente uma preparação para a vida futura não é o paradoxo que aparenta ser.”<sup>22</sup>

Dewey segue dizendo que qualquer atividade que não tenha valor suficiente para se sustentar a si própria, não pode ser muito eficaz na preparação para algo. Isso também captura o espírito das artes liberais.

No rescaldo da Revolução de 25 de Janeiro de 2011, essa tradição ressoava naqueles dedicados ao levante para derrubar o regime. Ressoou, propondo, entre outras coisas, olhar mais de perto para os momentos revolucionários na

---

<sup>21</sup> Despret, V. (2014) *Les animaux: deux ou trois choses que nous savons d’eux*. (Paris: Hermann, 2014).

<sup>22</sup> Dewey, J. (1971). *The Early Works 1882-1898*. Southern Illinois University Press.

história, enquanto debatia maneiras de conectar o momento presente a esses momentos de mudança. A sede intelectual daqueles que pensam sobre onde caminhar vindos da 'praça da libertação' (Midan al-Tahrir) é o que impulsionou o CILAS. O fato de as turmas de alunos que se formaram nesses anos terem reunido pessoas de diferentes setores da vida serve como lembrete das diferentes perspectivas, aspirações e memórias associadas a essa conjuntura crítica. O CILAS propôs uma maneira diferente de engajar aquele momento de ruptura. Convidou estudantes para se juntarem e ler, observar e escutar. Aplicando *Discussion Based Learning – DBL* (Aprendizado baseado em discussão) como seu principal método de ensino, incentivou a leitura profunda de fontes primárias de diferentes períodos e geografias.

O *DBL* propunha duas coisas que, com o tempo, se tornaram a assinatura do CILAS paralelamente à sua oferta de cursos. *DBL* prestava atenção a ambos arranjos espacial e temporal de como discussões eram levadas a cabo no dia-a-dia, especialmente nos cafés de rua no Cairo. Nas ruas do Cairo, os cafés assumem formas diferentes em horários diferentes. Oferecendo cadeiras de plástico, mesas, drinques e narguilés, a arrumação dos assentos fica a cargo dos fregueses e muda dependendo do palestrante e sua compulsão por falar. As conversas nesses cafés de rua são impregnadas de humor e destinadas a suscitar reflexão. Para mim, essas conversas se tornaram uma fonte de inspiração no desenvolvimento de um método de ensino que fosse conducente à memória, auto reflexão e à 'mudança de relógio'. Elas se tornaram a base sobre a qual se constrói, ou o que passei a me referir como 'pré-discussões'. Pensei que se essas pré-discussões fossem complementadas por um interlocutor, preparação e 'mudança de relógio' invisíveis, nós teríamos uma metodologia de ensino que fomenta uma *formação em artes liberais pela base*. Nessa crença, sugeri que pré-discussões servem de trampolim para pós-discussões que, por sua vez, dariam as boas-vindas a interlocutores de fora, na forma de texto, filme ou áudio, ao mesmo tempo fazendo justiça às questões levantadas durante pré-discussões. Pós-discussões, a cada vez, seriam apresentadas e viabilizadas por um membro diferente do bando.

Enquanto a metodologia de ensino do CILAS foi inspirada por formas urbanas do Cairo e vários arranjos espaciais, o próprio CILAS foi firmemente enraizado

nessas formas. O CILAS está aninhado na trama urbana do Cairo com suas camadas de história e décadas de negligência governamental. Enquanto tal, o Cairo Islâmico se torna tanto o local de herança cultural quanto de moradia precária, evocando tanto admiração quanto tristeza, fascinação e amargura, múltiplos passados e terrível presente, antiguidade e urgência. Seu ambiente de edifícios convida a recordações, imaginações, observação e visão profundas. Serve como uma fonte de inspiração e desespero. Com essa ambivalência, vem a potencialidade, a saber, o potencial para maneiras de olhar e recordar. O CILAS tem oferecido vários cursos que buscam preservar essa herança intangível e as histórias locais que a cercam. Nesses cursos, estudantes reconheceram razões de ser subalternas que questionam o mapeamento e as narrativas centradas no estado. Através desses cursos, estudantes aprenderam a escutar atentamente a memórias e aspirações, angariando testemunhos de despejos e desalojamentos, começando a desenvolver um senso de lugar, passando a refletir sobre seus posicionamentos.

No coração do CILAS está seu currículo base. Um currículo base é uma característica de qualquer formação em artes liberais. No CILAS, a base apresenta os alunos à retórica da modernidade paralelamente a outras retóricas; ela analisa a lógica da colonialidade, reconhecendo suas diferentes configurações; e interroga a gramática da decolonialidade no seu esforço para reconectar-se com a tradição do oprimido e suas tentativas de libertação. O *trivium* de retórica, lógica e gramática revisitado dessa forma, convida os estudantes a treinar seu julgamento crítico diante do seu posicionamento, do papel que desempenham e de sua contribuição para a sociedade. O restante do programa é dedicado a matérias que dialogam com questões de interesse do bando e servem à comunidade como um todo através do ensino, mapeamento, tradução, mediação e a criação de conhecimento. Juntos, as chamadas matérias temáticas e o trabalho comunitário fomentam uma investigação intelectual continuada e uma aprendizagem experimental. Ambos os modos de aprendizado alimentam a auto-reflexão e guiam a autodescoberta. Estudantes que completaram o programa ponte do CILAS, prosseguiram na busca de estudos de graduação, geralmente num campo até então desconhecido para eles. Outros seguiram para criar *start-ups* que oferecem ensino, mapeamento, traduções,

mediações e serviços de pesquisa. Outros decidiram que seria melhor deixarem suas ocupações prévias e partirem em uma caminhada, enquanto outros mantêm seus empregos, na esperança de sempre se lembrarem de se alongar, respirar e jamais deixarem de questionar.

### *Conclusão*

Propus, nesse artigo, pensarmos sobre a prática pedagógica com pombos. Minha meta para esse artigo foi apresentar a metáfora de um pombal como um ambiente de aprendizagem desejável para o ensino superior. A metáfora surgiu a partir de uma reflexão acerca de um projeto no Cairo, Egito, que coloquei em marcha em 2013, que foi a fundação e direção do CILAS (*Cairo Institute of Liberal Arts and Sciences*). Uma micro faculdade de cursos de artes liberais, inaugurada no rescaldo e em apreço à revolução de 2011. Constituiu-se numa tentativa de informalmente estruturar o que já estava se desdobrando, a saber, a formação de círculos de estudo, grupos de leitura e outras iniciativas de educação. O CILAS tem convidado estudantes adultos para uma jornada de aprendizado de um ano. Tem oferecido alimento para reflexão e uma metodologia de ensino para acompanhar nessa jornada. O resto foi, em sua maioria, dependente da auto-direção e determinação da comunidade educacional. O que se tornou notório nesses últimos seis anos e crucial para o que passei a me referir como *formação em artes liberais pela base*, são três qualidades que vejo refletidas nos pombos. Daí eu dedicar este artigo a uma pedagogia crítica inspirada em pombos. Pombos relembram, se auto reconhecem e fazem 'alteração de relógio' (*clock-shifting*). Dessa forma, eles mantêm posicionamento, auto-reflexão e flexibilidade estrutural. Para mim, esses são ingredientes que promovem uma formação em artes liberais que é baseada em localização, é inter-epistêmica e decolonial.

## BIBLIOGRAFIA

Andreotii, V. et al. (2015) *Mapping interpretations of decolonization in higher education*. Decolonization: Indigeneity, Education & Society, 4:1, pp. 21-40.

Crouch, L. (2016) *The pigeon will see you now*. BBC News. Retrieved on February 26<sup>th</sup> from <https://www.bbc.com/news/health-35542678>.

Decolonial Futures Collective (2016). *Pedagogy of attunement*. Retrieved on February 26<sup>th</sup> from <https://decolonialfutures.net/project-type/pedagogical-experiments/>

Despret, V. (2014) *Les animaux: deux ou trois choses que nous savons d'eux*. (Paris: Hermann, 2014).

Gibbs, H.R. (1959) *The Travels of Ibn-Battuta, A.D. 1325-1354, Volume II*. The Hakluyt Society.

Goodman, P. (1964). *Compulsory Miseducation and the Community of Scholars*. Horizon Press.

Haraway, D. (2016) *Staying with the Trouble: Chapter 1*. Duke University Press.

Mignolo, W. (2007) 'DELINKING'. Cultural Studies, 21:2, pp. 449 – 514.

Roy, A. (2006). *Praxis in the time of empire*. Planning Theory, 5:1, pp. 7-29.

Simone, A. (2004) *People as Infrastructure: Intersecting Fragments in Johannesburg*. Public Culture, 16:3, pp. 407-429.

Skinner, B.F. (1981) *Self-awareness in the pigeon*. Science, 212, pp. 695-696.

University of Oxford (2016) *Pigeon flock leaders can 'override' incompetent leaders*. Retrieved on February 26<sup>th</sup> from <http://www.ox.ac.uk/news/2016-09-14-pigeon-flock-members-can-%E2%80%98override%E2%80%99-incompetent-leaders-research-shows>.

Watters, A. (2016) *Re-con-figured: The Pigeons of Ed-tech*. Retrieved February 26<sup>th</sup> from <http://hackeducation.com/2016/09/22/pigeon>.

Quijano, A. (1992) *Colonialidad y modernidad/racionalidad*. Quito: Tercer Mundo-Libri Mundi.